

TRINTA ANOS DEPOIS: A MASSAFEIRA LIVRE RESGATADA NA MEMÓRIA DOS SEUS PARTICIPANTES.

Stênio Ronald Mattos Rodrigues¹
email: stenioronald@hotmail.com
ST – Culturas e manifestações artísticas.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar os usos possíveis da oralidade e da memória no processo de feitura historiográfica, especificamente dentro do campo investigativo que nos propomos, referente à produção musical cearense e a relação dos artistas envolvidos com o festival Massafeira Livre, ocorrido em Fortaleza, no teatro José de Alencar em março de 1979 e outubro de 1980. Objetivando compreender melhor a atuação desses artistas e seus desdobramentos, recorreremos às fontes orais, adotando para isso a metodologia das entrevistas que buscam resgatar, no exercício de sua prática, a memória dos artistas que vivenciaram esse momento específico da história do Ceará. De modo geral, buscaremos problematizar o uso da História Oral como metodologia para o desenvolvimento do estudo sobre o nosso objeto, apontando seus aspectos mais reveladores e a contribuição que esta oferece à nossa atividade investigativa. Destacamos assim as fontes orais, salientando suas propriedades referentes à construção de memórias que privilegiam a análise crítica do historiador, especificamente na área de História e Música.

Palavras-chave: Memória. Oralidade. Música.

Abstract: This work aims to present the possible uses of orality and memory in the historiographical making process, specifically within the investigative field that we propose, about the Ceará music production and the relationship of the artists involved with the Massafeira Livre festival, occurred in Fortaleza, in theater José de Alencar in March 1979 and October 1980. To better understand the effect of these artists and their consequences, we resort to oral sources, adopting this methodology for the interviews that seek to redeem, in the exercise of its practice, the memory of artists who have experienced this particular moment in the history of Ceará. Generally we seek to problematize the use of oral history as a methodology for the development of the study of our object by pointing its most revealing aspects and the contribution that this gives our investigative activity. Thus we highlight the oral sources, emphasizing their properties related to the construction of memories that emphasize the historian's critical analysis, specifically in the area of history and music.

Keywords: Memory. Orality. Music.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, atualmente cursando a pós-graduação em História do Brasil pela Universidade Vale do Acaraú – UVA.

Este trabalho busca refletir a trajetória de alguns artistas que participaram do Festival Massafeira Livre, ocorrido em Fortaleza em duas edições (1979 e 1980), examinando a importância do festival em suas memórias. Muitos foram os envolvidos na organização e realização do Festival Massafeira Livre e, mais de três décadas depois, tal evento continua a se manifestar nas lembranças desses indivíduos, de modo que muitas discussões levantadas dentro do campo da produção musical cearense sempre convergem para a experiência da Massafeira e o seu momento histórico, de modo que, atualmente, artistas, jornalistas, estudiosos da música cearense e até mesmo alguns grupos de jovens admiradores da geração musical do Ceará da década de 70, principalmente, rememoram aquele momento através da larga comunicação possibilitada pela internet e também pelo relançamento do disco da Massafeira em formato de CD e do lançamento do livro *Massafeira: 30 anos. Som, Imagem, Movimento, Gente*, livro este que reúne as memórias de alguns participantes do evento. O lançamento, ocorrido em 2010, na ocasião do *Manifesta*, possibilitou o contato de novas gerações, como também da geração pertencente ao período do evento a esse material e à compreensão do que foi a Massafeira Livre sob a ótica de seus idealizadores e participantes, através do livro.²

A memória, portanto, se apresenta aqui como uma manifestação pessoal dos envolvidos na Massafeira Livre e que nesse ato de lembrar, como também de ocultar o lembrado, experimentam rememorar suas atuações dentro desse acontecimento, de tal modo que compreendemos essa prática como um exercício em que tais lembranças não vêm apenas como uma forma mecanizada de armazenamento de informações, mas também com a capacidade de combinar pensamentos novos partindo do resgate dessas lembranças.³ Isso acaba por contribuir com a percepção que eles têm do evento nos dias de hoje através das informações adquiridas através do exercício da memória.

No entanto, sem a devida compreensão do caráter subjetivo da memória, o historiador corre o risco de negligenciá-la e perder-se no processo em que tem se

² O Manifesta foi um evento realizado no dia 18 de setembro de 2010 no Teatro José de Alencar e que teve uma clara inspiração na Massafeira Livre no que diz respeito à ocupação das dependências do teatro pelas mais diversas manifestações culturais durante 12 horas (iniciando às 18:00 horas do dia 18 e terminando às 06:00 horas do dia seguinte). Tal evento foi organizado visando comemorar os trinta anos do lançamento do LP *Massafeira*, assim, foi lançado nessa noite o livro *Massafeira 30 anos – Som, Imagem, Movimento, Gente* acompanhado do CD *Massafeira*, sendo lançado pela primeira vez nesse formato. Artistas que estiveram na Massafeira participaram dessa festa, entre eles Ednardo, Rodger Rogério, Lucio Ricardo, Chico Pio, Calé Alencar, além de vários outros que atuam musicalmente no Ceará nos dias de hoje.

³ Cf. FENTRESS, James; WICKMAN, Chris. **Memória social**. Lisboa: Teorema, 1994. p. 29.

dedicado a feitura da história.⁴ A história oral é, portanto, um método de produção de fontes históricas que como qualquer outra necessita do historiador a necessária aplicação para interpretá-la de acordo com a pluralidade em que ela se apresenta, através dos relatos diversificados apresentados por aqueles que verbalizam experiências de vida que se voltam para a temática do trabalho elaborado e que se constitui como uma rede plural de interpretações sobre o acontecido.

Quanto a Massafeira Livre, do festival ficaram várias lembranças de sonhos realizados por parte de alguns que desejavam gravar as suas composições. Esses artistas desejavam um espaço capaz de proporcionar maior visibilidade para os seus trabalhos, por isso, passados mais de três décadas, o festival e sua representatividade para a musicalidade daquela geração ainda possui grande importância na vida dos envolvidos.

É importante, nesse sentido, ouvir os participantes da Massafeira e buscar, através de suas falas, compreender a dimensão do evento e o significado que este possui na vida dos que o vivenciaram, uma vez que a memória destes se expressa particularmente e revelam experiências pessoais que apesar de terem se dado no campo coletivo acabam por trazer impressões e percepções que ficaram marcadas na lembrança de cada um desses indivíduos.⁵

Em 1978, Ednardo, que estava viajando pelo país com a turnê do LP *Cauim*, veio à Fortaleza para apresentar o show no Teatro José de Alencar e chegando aqui, se deparou com muitos artistas que ansiavam por um espaço onde pudessem se apresentar, mesmo com seus diferentes trabalhos. Estes artistas desejavam, portanto, mais espaço para além dos festivais que já vinham acontecendo como, por exemplo, o festival *Credimus Aldeota*, e dos pequenos shows organizados por alguns grupos que posteriormente vieram a participar da Massafeira. E o Festival Massafeira Livre iria reunir uma diversidade de estilos artísticos e não somente cantores. Com efeito, a turnê de divulgação do LP *Cauim*, ocorrida em 1978, foi um evento que pode ser considerado, de certa maneira, como o embrião do ideal da Massafeira Livre.

Reunindo cinema, literatura, artes plásticas, fotografia e, claro, a música, o show foi capaz de englobar todas essas qualidades de arte e envolver, conseqüentemente, vários artistas desses campos.⁶ Ednardo estava ligado à música,

⁴ Cf. THOMSOM, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In. AMADO, Janáina; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). op. cit. p. 67.

⁵ Cf. FENTRESS, James; WICKMAN, Chris. op. cit. p. 17.

⁶ Cf. SOUZA, José Ednardo Soares Costa (org). op. cit. p. 42-45.

assim como Climério estava ligado à música e literatura; Brandão estava ligado à poesia e composições musicais, através de parcerias com Ednardo. Descartes Gadelha era músico de Ednardo, mas expôs seus quadros projetados em slides durante as apresentações. Régis e Rogério, irmãos de Ednardo e Rosane Limaverde, esposa de Ednardo, participaram das filmagens do filme-documentário, gravado em Fortaleza e que abordava o universo do Maracatu cearense e a Confederação do Equador, fato histórico ocorrido no Ceará entre os anos de 1817 e 1824. Esses são alguns exemplos do diálogo estabelecido entre as artes nesse show e que vai se repetir no ano seguinte, na ocasião da Massafeira Livre.⁷ Portanto, no concernente aos shows elaborados por cearenses, a apresentação simultânea de variadas expressões de arte não foi algo somente entrevisto durante o período em que o festival Massafeira Livre estava sendo articulado. E os artistas que foram conversar com Ednardo propuseram que ele os incluísse em seu espetáculo.

Dentro dessas condições, tal ideia foi o ponto inicial para a produção de um evento que reunisse todos esses artistas e tornasse possível a exibição de vários talentos. Sobre isso, Ednardo fala que:

Tal ampliação se fez visível quando, ao chegarmos para a passagem de som no TJA, nos deparamos com mais de 30 pessoas, dos mais jovens e promissores talentos da geração musical, que acompanharam toda a montagem e subiram no palco. Em suma, uma demonstração inequívoca de suas boas vontades em participar. Antes e depois da hora do show também, a quantidade de visitas ao camarim foi muito grande e todos estavam por lá [...] Foi a constatação de que poderíamos realizar a união de várias gerações artísticas em movimento abrangente de várias formas de arte. Foi a ideia original do Massafeira em sua formatação.⁸

Ângela Linhares, participante do festival, também rememora o evento e suas particularidades, destacando-o como um acontecimento dentro da cidade de Fortaleza e que era capaz de difundir uma arte coletiva diversificada através do impacto desse evento na qualidade de festival de amostragem. Vale a pena conferir a longa citação:

Quando a Massafeira chegou, né, quando foi o tempo da Massafeira, que era, é realmente o tempo de festivais, né, eles, me parece, que começam com aquela coisa de Woodstock, né, o Festival de Woodstock, aqueles festivais da Norte América, eles colonizavam um pouco o ocidente, né, os Beatles colonizavam o mundo, musicalmente falando, né, e a gente sabia que não era só aquilo, a gente fazia já uma música que cantava as coisas que a gente via, vivia, a cidade, a lírica cearense é um ponto muito bonito e forte, né, e os varais, a cidade

⁷ Idem. p. 16-17.

⁸ Ibidem. p.17.

velha, o Mucuripe, as longarinas, o cais velho, o Mucuripe, não só isso, é que foi o que ficaram conhecidos, mas a gente, o primeiro amor, até os nomes, né, que são coisas de cidades que ainda tá, ainda tem aquele jeito de se encontrar as pessoas [...] e os festivais, mesmo que nos Estados Unidos eles viessem com essa roupagem de jogar um pouco o modelo do rock, o modelo de uma música que vinha não sozinha, mas com toda a avalanche de imperialismo, mesmo assim, com tudo isso, também havia o bonito dessa música e o bonito dos festivais, então esse, a ideia de festival, que era essa coisa, tipo happening, no teatro tinha os happenings, que eram acontecimentos coletivos, então isso, naquele tempo não tinha esses mega shows que você tem duas mil pessoas, né, mas os chamados acontecimentos eram os festivais e eles tinham, eles, de certa forma, era como se fosse assim, uma suspensão, é como se os festivais dissessem assim: olha o que está acontecendo aqui! Tá entendendo? Olha o que está acontecendo. Porque já estava acontecendo, porque ele só mostrava, tornava visível, digamos, alguns grupos e algumas coisas que você via só isoladamente, se você frequentava um lugar era só aquilo, se você frequentava outro, quem circulava muito via mais, né, e o festival, de certa forma, você via mais grupos, quem era de um grupo só ia conhecer aquele, podia conhecer mais uns cinco, ou mais outras coisas, enfim, então o festival tinha essa amostragem, tinha essa coisa de amostra coletivas, essa coisa boa de amostra coletiva de você encontrar pessoas e ver coisas que dão uma dimensão coletiva àquilo que você supunha, sentia, mas não encontrava todo dia.⁹

Ângela nos apresenta um universo criativo capaz de projetar a arte através do palco dos festivais, fazendo disso um acontecimento onde diversos grupos dividem o espaço objetivando a exibição de seu talento. Tal modelo de festival – de amostragem – traz como referência para a entrevistada o Festival de Woodstock, ocorrido em 1969 nos EUA e que teve esse caráter de amostragem, possibilitando a muitos artistas o reconhecimento de um público que teve a chance de entrar em contato com tendências musicais mais diversificadas. Dentro da realidade da Massafeira Livre foi a mesma situação, pois muito embora Ângela nos fale de uma *lírca cearense*, onde se cantava as coisas próprias da paisagem do Ceará, mas acompanhado a isso havia outras sonoridades e experiências com letras que fugiam do “puramente cearense”, pois muitos artistas experimentavam uma diversificação na produção de suas canções. A exemplo disso podemos citar a incorporação do rock e do blues, entre outras sonoridades, no festival.

Mona Gadelha, por exemplo, recorda sua experiência junto com os artistas envolvidos no Massafeira, ocorrido no Teatro José de Alencar, destacando a aceitação dos organizadores em relação ao blues, estilo musical por ela assumido:

⁹ Ângela Linhares em entrevista concedida ao autor desse trabalho no dia 02 de maio de 2013.

O Augusto foi um dos mentores do Massafeira, com o Ednardo e com o Rodger e pra nossa surpresa, quando eu vi eu já tava lá participando das reuniões, tinha umas reuniões com todo mundo “ah, como é que vai ser? não sei o que” e eu bem aí no meio daquele povo, meio sem saber se vou, não vou, se for, ótimo, se não for, também tudo bem, eu tô aqui, tava, sabe aqueles encontros em que você vai em casa de amigo pra todo mundo falar de música, era muito despretenso, não tinha nada, né, e quando eu me vi eu tava lá selecionada por eles, eu tava, foi um processo que foi muito simples pra quem achava que existia essa separação, essa barreira, essa fronteira, ali eu vi que essa fronteira tinha sido derrubada, né, era uma, todo mundo muito bem recebido pelo Ednardo, pelo Augusto, né, o Rodger, Petrucio Maia dizer que adorava os meus blues, eu tinha maior admiração pelo Petrucio.¹⁰

Podemos ver, através das palavras da entrevistada, o clima de organização em que ela estava inserida como participante e tal experiência se apresenta como uma novidade para ela, que até então não tinha entrado em contato com esse tipo de atividade artística, onde diversas tendências musicais dialogavam positivamente. Há também nas palavras de Mona Gadelha o reconhecimento do apoio recebido pelos organizadores da Massafeira Livre no sentido de incentivar e promover essa nova sonoridade surgida na cidade, através da sua inclusão no festival, mostrando a interação existente entre os artistas cearenses naquele momento.

Siegbert, por sua vez, fala sobre o encorajamento por ele recebido de Ednardo ao incentivar a inclusão de bandas de rock no festival, comprovando as palavras anteriores de Mona Gadelha de que havia um espaço de diálogo entre as diversas tendências musicais:

Ednardo é um gênio, eu acho o Ednardo um louco de pedra. Nesse ponto ele é mais roqueiro do que nós, porque ele teve coragem de colocar aquele povo todo no estúdio da CBS; é preciso ter muita coragem. Acho, inclusive, que deve ter sido uma coisa pesada para a própria carreira artística de Ednardo, porque ele se envolveu muito profundamente com aquilo e era muita gente, e trabalhar com gente é muito difícil.¹¹

Percebemos, na fala de Siegbert, a liderança que Ednardo assumiu na organização da Massafeira e a admiração que ele, conseqüentemente, conquistou por encorajar novas tendências musicais na produção do disco, de modo que, segundo Siegbert, tal apoio poderia ter criado algum problema entre Ednardo e a gravadora,

¹⁰ Mona Gadelha em entrevista concedida ao autor desse trabalho no dia 23 de março de 2013.

¹¹ No caso, Siegbert fala de uma fase posterior, que foi a gravação do LP duplo Massafeira, na cidade do Rio de Janeiro. O LP Massafeira foi o resultado surgido do festival ocorrido em Fortaleza e as músicas incluídas nele refletem essa variedade artística existente no Ceará naquele período e que foi encorajada no Festival Massafeira Livre. Cf. SOUZA, José Ednardo Soares Costa (org). op. cit. p. 222.

prejudicando sua vida profissional como artista contratado pela CBS e organizador da Massafeira. Tal admiração se explicita quando ele se refere à Ednardo como gênio, considerando-o um visionário no sentido de apoiar a inovação musical dentro do projeto da Massafeira.

Lúcio Ricardo, também pertencente aos artistas da vertente do rock, recorda daquele momento ao dizer que:

Siegbert falou que na Massafeira ia rolar um disco, que havia um projeto de ir ao Rio de Janeiro para gravar. Achei que dentro dessa seleção a gente não ia entrar, porque não foi uma apresentação muito boa. Mas não teve isso, as pessoas relegaram isso aí. Foi maravilhoso, nos reunimos, artistas que não se conheciam. Eu, por exemplo, não conhecia a maioria dos artistas daqui de Fortaleza e Massafeira possibilitou esse encontro. Já conhecia algumas pessoas, Rogério, Régis, Chico Pio, Calé Alencar, Mona Gadelha, mas na Massafeira foram muitos cantores e compositores, veio Alano, Petrúcio, Mozart da Paraíba, Tazo Costa e outros artistas, foi muito importante. Para o Ceará e para Fortaleza, foi um momento que marcou.¹²

Percebemos na fala de Lúcio o valor atribuído à Massafeira como um festival de grande porte pela variedade de pessoas envolvidas, pela diversidade musical e, principalmente, pela oportunidade de se apresentar nesse grande evento e a chance associada de participar da gravação do disco que buscou registrar o espírito coletivo desse festival e que acabou atendendo aos anseios de alguns jovens participantes que pretendiam ingressar na carreira fonográfica. De fato, a Massafeira Livre possibilitou um maior contato entre os artistas que atuavam em Fortaleza durante o fim dos anos 70. Lúcio afirma que não conhecia muitos dos participantes antes do festival e que tal interação foi bastante significativa para o desenvolvimento do evento, de forma que a coletividade foi o maior estimulador para o acontecimento do festival. Para ele, a dimensão que a Massafeira tomou com toda a sua composição diversificada é a razão para que ela seja um evento marcante na música cearense.

Compreendemos que o festival Massafeira Livre teve uma estrutura grandiosa, capaz de atender aos anseios dos jovens participantes quanto às suas exposições e também para o público, pela sua diversificação de atrações nos mais diversos campos das artes, como também pela estrutura física, uma vez que o público presente era bastante numeroso a ponto de lotar todos os espaços do teatro. É nesse aspecto que entendemos a relação entre o público e festival de música como uma das formas possíveis de projeção dos artistas, pois, logicamente, o público é, dentro dessa realidade,

¹² Idem. p. 223.

o consumidor do trabalho divulgado no palco pelo artista, julgando-o ao seu gosto. Porém, não necessariamente como se dava nos festivais competitivos, mas de acordo com as preferências musicais que os levam, muitas vezes, a comprarem os discos de seus artistas favoritos. E é nesse sentido que da Massafeira Livre surgiu o LP, onde o trabalho coletivo objetivava ser divulgado através da lógica do mercado fonográfico e pudesse aperfeiçoar a divulgação de vários nomes num só trabalho, no caso, o disco.

Teti, por sua vez, reconhece a Massafeira Livre como um festival importante para agitar o cenário musical cearense durante os últimos anos da década de 70, atribuindo à Massafeira um caráter revitalizador e que dá uma noção de continuidade ao movimento do *Pessoal do Ceará*,¹³ o qual ela fez parte. Segundo ela:

Nós abraçamos a causa dessa nova juventude que tanto quanto nós, né, era uma coisa até inconsciente, mas era uma vontade de mostrar o que tava se fazendo, porque era muita coisa pra ser mostrada, e ninguém queria saber de cachê não, essa Massafeira foram três dias, era só quem queria cantar, cantava, não tinha essa, era aberto a tudo, aos artesãos, ao pessoal da música, aos artistas plásticos, ao pessoal do cordel, tudo que você possa imaginar, esse Teatro José de Alencar durante esses três dias era uma loucura [...] quando a Massafeira aconteceu foi uma coisa que causou impacto porque ela vinha com a mesma força com que veio a nossa geração, a nossa geração, né, tinha aquela coisa de estar unidos, de estar cantando, porque, inclusive, era a época da repressão, não podia nem estar conversando muito, né, e a Massafeira ainda pegou a "rabada".¹⁴

A questão da juventude presente na Massafeira ansiosa para mostrar seu trabalho surge frequentemente de forma pertinente e Teti expõe o momento apresentando essa natureza do festival. Ela explica que o evento tinha como marca a pluralidade artística, como também a vontade de mostrar o que vinha se fazendo no Ceará em termos de música, onde os artistas, inclusive, abriam mão do cachê pela pura vontade de se projetarem perante o público fortalezense. Interessante também é o relato da entrevistada acerca da situação política do país, um momento de repressão onde a junção de vários artistas jovens despertava a suspeita do governo vigilante.

É possível sustentar que o momento da Massafeira, com toda a sua agitação e a promessa da gravação do LP, inspirasse nesses artistas o estímulo para gravar suas obras para serem veiculadas em diversas localidades do Brasil através do disco e, a

¹³ Trata-se de um grupo de artistas surgidos no cenário musical nacional durante a primeira metade do decênio de 1970. Entre eles citamos Ednardo, Belchior e Fagner que, a partir de 1973, registram seus primeiros trabalhos fonográficos, conforme já foi estudado por Pedro Rogério na sua dissertação que resultou no livro sobre a movimentação dos artistas cearenses que ficaram conhecidos como *Pessoal do Ceará*. Cf. ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará**; habitus e campo musical na década de 1970. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

¹⁴ Teti em entrevista concedida ao autor desse trabalho no dia 02 de agosto de 2013.

partir dessa circulação de suas músicas, eles deslanchassem suas carreiras, se firmando como novos astros da música popular do Brasil, nos mesmos moldes que os famosos originários do *Pessoal do Ceará* (Fagner, Ednardo e Belchior). Já no caso do Régis Soares, o estímulo veio do irmão Ednardo. Nesse período, Régis tinha se destacado no Festival da Crédimus, conquistando o 1º lugar com a música *Pé de Espinho*, presente no LP *Massafeira*.¹⁵ Sobre isso, ele nos fala:

Estávamos chegando de uma excursão de São Paulo até o Ceará, trabalhávamos com Ednardo na área de produção, ele também ouvia a gente tocando músicas naquele momento embrionário, minhas e do Rogério. Ele disse: “- está na hora de vocês mostrarem essas músicas”. Daí a ideia de conversar com Ednardo e dizer que gostaríamos de participar e que conhecíamos outros artistas novos que estavam nessa ebulição musical para incluir e haver compreensão do conhecimento do nosso som e letra.¹⁶

Percebemos que as atividades musicais de Régis e Rogério, por exemplo, evidenciando sua participação no Festival da Crédimus, chamou a atenção de Ednardo que os aconselhou a iniciar uma divulgação de suas composições. Isso, para Régis, foi o início para a gestação da *Massafeira*, partindo de uma ideia em que não só eles, mas também outros artistas atuantes nos festivais daquele período pudessem construir um evento juntos e que servisse como “vitrine” para as suas apresentações. Tal evento seria um canal para expressar para a cidade a nova produção musical que estava se evidenciando, de forma que foram surgindo conversas entre os três irmãos e que aos poucos foram recebendo outras pessoas na construção do que viria a ser, pouco tempo depois, a *Massafeira Livre*.

No entanto, parece contraditório num primeiro momento vermos Ednardo declarar que a *Massafeira* surgiu da procura dos novos artistas cearenses que desejavam se incluírem nas suas apresentações, participando de seus shows e, num segundo momento, vermos que Régis afirma que o encorajamento do irmão Ednardo contribuiu para o início da gestação do evento, sendo, dessa forma, esse o ponto de partida para a idealização da *Massafeira*. As memórias dos indivíduos se apresentam de maneiras diferentes através de duas versões de um acontecimento. Importa observar aqui a manifestação de uma memória individual que muitas vezes entra em choque e causa desencontros com outras versões dos que lá estiveram presentes, mas que no decorrer dos anos assumem diversas significações e que muitas vezes passam a ser negociadas

¹⁵ Cf. VÁRIOS. LP *Massafeira*. Rio de Janeiro: Epic CBS, 1980. LP duplo. Disco 1, lado A, faixa 3.

¹⁶ Cf. SOUZA, José Ednardo Soares Costa (org). op. cit. p. 218.

pelo *processo coletivo da rememoração*.¹⁷ No entanto, cremos que a ideia partiu dessa conversa entre Ednardo e Régis e que, a partir da troca de ideias, começou-se a elaborar o festival buscando todos os artistas que desejavam (ou que estavam dispostos) a participar, de modo que todo o processo vai ter como semente essa conversa inicial em que o tema central era os novos artistas que vinham atuando dentro da cidade, mas que conviviam com um ambiente artístico restrito ao plano local.¹⁸ Régis, nesse aspecto, apenas nos apresenta um dado novo.

Tanto Lúcio como Teti afirmam a importância da natureza plural própria da Massafeira e entendemos que o festival surgiu de uma agitação cultural/musical em evidência naquele período na cidade de Fortaleza. O fato de a Massafeira ter reunido vários artistas e contado com a colaboração de muitos outros nos faz pensar na intensidade desse festival como acontecimento cultural na cidade, num momento em que o Brasil atravessava significativas transformações políticas e a música, assim como outros campos culturais e sociais, também vivia essas transformações com a chegada dos anos 80.¹⁹

Já Régis procura explicar que o festival partiu de um estímulo de Ednardo à carreira artística dele e de seu irmão e parceiro Rogério Soares. Dessa ideia, segundo Régis, viria o projeto de construir um evento que contasse com alguns nomes que vinham se destacando nos festivais ocorridos em Fortaleza no fim dos anos 70. A variedade musical partiu daí, pois, como foi dito por Régis, havia outros artistas em atividade na cidade e que seria ideal chamá-los para compor o projeto que aos poucos foi tomando forma. Dessas atividades musicais surgia a interação que passou a ligar cada vez mais os artistas e formar a teia estrutural do festival. Dentro dessa realidade, nos parece que os artistas cearenses novamente apostavam na fórmula dos festivais, ainda que num modelo diferente, marcado pela amostragem dos talentos através do uso

¹⁷ Cf. THOMSOM, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). op. cit. p. 85.

¹⁸ Segundo Ednardo, a cena artística, cultural e musical fortalezense no fim dos anos 70 era bastante tímida e os artistas dificilmente conseguiriam repercutir nacionalmente sem um projeto de evento que fosse capaz de chamar a atenção da mídia nacional. De fato, o festival foi bastante expressivo musicalmente, mas foi prejudicado, pois não houve nenhuma ressonância na mídia fortalezense em razão do que Ednardo chama de “silêncio da imprensa cearense sobre a Massafeira”. A situação vai mudar, de certo modo, com a gravação do LP *Massafeira* e seu lançamento em 1980, na ocasião da segunda Massafeira, em 1980. Cf. SOUZA, José Ednardo Soares Costa (org). op. cit. p.19.

¹⁹ Segundo Nelson Mota, a movimentação de novas bandas influenciadas pelo rock no início dos anos 80 configurou o início do que ficou conhecido como BRock. Atuantes inicialmente no Rio de Janeiro, onde se apresentavam no Circo Voador, surgiram aí bandas como Blitz, Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, além de artistas como Lulu Santos e Lobão. Posteriormente artistas vindos de Brasília atuaram dentro dessa perspectiva de uma nova modelagem do rock nacional. Cf. MOTA, Nelson. op. cit. p. 353-354.

do palco e da popularização de suas obras musicais através da assimilação pelo público presente, num tempo em que os festivais competitivos ainda eram frequentemente realizados, havendo pouco espaço para os festivais de amostragem no Ceará.

Ricardo Bezerra não participou da Massafeira como artista, no entanto ele esteve presente no festival como público e hoje recorda do ambiente do Teatro José de Alencar naqueles dias de março de 1979: Muita gente, eu me lembro que o teatro, bem lotado, tinha umas exposições ali naquele pátio ali fora, naquele pátio que fica entre o foyer e a casa, tinha exposições, muita gente, muitos artistas, muitos intelectuais.²⁰

O teatro se encontrava lotado naqueles dias, de modo que compreendemos que o festival foi um grande acontecimento dentro do cotidiano de Fortaleza, modificando sensivelmente a cena musical da cidade. A Massafeira foi, portanto, um lugar onde diversas manifestações musicais e artísticas se juntaram, fazendo do teatro um *lugar praticado* capaz de dar à arte cearense uma nova noção, mais ampla do que quando elas agiam isoladamente.²¹

Esse espírito de construção e de realização em participar de algo da dimensão do Festival Massafeira Livre é claramente descrito por Amelinha, participante do festival. Para ela, a Massafeira Livre representou um grande acontecimento dentro do Ceará, ao passo de tantos outros acontecimentos musicais que estavam acontecendo em vários lugares do Brasil.

Foi muito forte, muito alegre, muito, uma sensação de que as coisas, muito utópico também, porque a gente tinha uma visão e uma vontade de que as coisas fossem diferente e que a gente podia fazer, integrar todas as artes, né, independente de uma grande articulação de mídia que não viesse de lá pra cá, que ela absorvesse o que a gente tava fazendo e que eles faziam porque tinha muita confiança e admiração por todos eles, então o Ednardo articulou essa coisa da Massafeira que foi muito bacana e nós fomos juntos lá fazer, eu tava nessa época no maior namoro com o Zé (Ramalho), recém casados e eu tava grávida do João e foi uma coisa assim, eu tava num momento, estado de graça e achando tudo maravilhoso, tudo lindo e aquela ousadia e aquela esperança da juventude que é o que joga o mundo pra frente [...] eu acho que foi uma grande realização, foi um momento muito bonito dentro, não só dentro do Ceará, mas como hoje nós temos um mundo globalizado e uma possibilidade de jogar isso pro mundo todo e saber historicamente desses momentos, desses pontos importantes, isso possa ser mostrado, isso se constrói, a gente tava fazendo sem saber, a gente tava construindo a história da música popular brasileira do ponto de vista do momento dentro do Ceará, uma coisa que ela se equivale ao que estão fazendo em outros lugares do Brasil.²²

²⁰ Ricardo Bezerra em entrevista concedida ao autor desse trabalho no dia 24 de abril de 2013.

²¹ Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 202.

²² Amelinha em entrevista concedida ao autor desse trabalho no dia 14 de agosto de 2013.

Amelinha salienta a importância da integração das artes presentes no festival, atribuindo a isso a força do evento. Interessante também destacar na fala da entrevistada a presença de Zé Ramalho no festival, sendo essa a primeira apresentação do artista paraibano no Ceará. Isso tudo, para Amelinha, foi uma parte do que vinha acontecendo no país musicalmente, aonde em diversos locais, como vimos anteriormente, estavam vivenciando experiências semelhantes à dos cearenses.

Os anos 70 representou, para as atividades musicais elaboradas no Ceará, um grande avanço no sentido de impacto causado no plano nacional. Foi a fase em que alguns artistas cearenses oriundo dos festivais realizados nos anos 60 se aplicaram em buscar a profissionalização musical através do trabalho coletivo iniciado com o *Pessoal do Ceará*, e tal experiência possibilitou o reconhecimento desses artistas ao longo do território nacional. Inicialmente teremos a experiência de Ednardo, Rodger Rogério e Teti ao lançarem o LP *Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem - Pessoal do Ceará* - em 1973, trabalho coletivo que foi capaz de inserir efetivamente os cearenses nas engrenagens do mercado fonográfico. Fagner e Belchior tiveram também a experiência de lançar seus primeiros discos em grandes gravadoras da época (Fagner pela Phonogram e Belchior pela Continental). Mas foi o *Pessoal do Ceará* que caracterizou essa geração, marcando o trabalho coletivo desse grupo de artistas num primeiro momento.

No final da década de 70, observamos que há uma retomada dos festivais e as atividades musicais continuaram a ocorrer em alguns pontos da cidade, não estando mais centrados em pontos comuns da geração anterior (Instituto de Física e Escola de Arquitetura da UFC, Bar do Anísio, na Praia de Iracema, como também os programas musicais da TV Ceará – Canal 2)²³, mas em diversos lugares, desde os concertos de Rock na antiga Escola Técnica (atual IFCE) aos festivais promovidos pela Credimus Aldeota.

O que se vê é que a Massafeira, na sua elaboração, vai buscar uma maior diversificação musical, para enriquecer o evento em estilos e tendências como também para agrupar ao máximo todos aqueles artistas que chegavam atraídos pelo espaço de divulgação que o festival era capaz de proporcionar, ainda mais se tratando de um evento tão grande, num espaço tão diversificado como era o teatro naqueles dias em que

²³ Esses lugares são citados como ponto de encontro dessa geração no texto da capa interna do disco do *Pessoal do Ceará*. Cf. EDNARDO; RODGER ROGÉRIO; TETI. **Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem** (Pessoal do Ceará). São Paulo: Continental, 1973.

abrigou as mais variadas manifestações culturais. Assim, com os jovens artistas reunidos juntamente com os mais experientes, começou-se a gestar a Massafeira através das reuniões, discussões, convites entre amigos, tornando cada vez mais numerosas as reuniões. Era, naquele momento, duas gerações que se uniam, fazendo desse momento uma fase nova para a música cearense, onde surgia novos nomes em potencial para a profissionalização musical e a crença despertada por alguns envolvidos no seu talento pessoal.

De forma geral, vimos que esse trabalho abordou o trajeto de concepção do Festival Massafeira Livre, da organização à realização até a posterior análise por parte de alguns dos participantes sobre suas experiências e suas impressões acerca do evento. A Massafeira ainda intriga alguns curiosos por ter sido um grande evento, ter reunido uma grande quantidade de artistas e, até hoje, gerar polêmica na tentativa de definir historicamente tal acontecimento.

BIBLIOGRAFIA:

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FENTRESS, James; WICKMAN, Chris. **Memória social**. Lisboa: Teorema, 1994.

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais**: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará**: habitus e campo musical na década de 1970. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SOUZA, José Ednardo Soares Costa (org). **Massafeira**: 30 anos Som, Imagem, Movimento, Gente. Fortaleza: Aura Edições Musicais, 2010.

THOMSOM, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.